

...elogio do amor livre¹

amparo poch y gascón

Apresentação por Margareth Rago*

A ativista anarquista Amparo Poch y Gascón nasce em Saragoça, na Espanha, em 1902 e, como muito poucas mulheres em sua época, torna-se médica pediatra. Funda a Organização “Mujeres Libres”, vinculada à CNT - Confederação Nacional do Trabalho, ao lado de Mercedes Comaposada e Lucía Sanchez Saornil, alguns meses antes da eclosão da Guerra Civil Espanhola, em 1936. Escreve na revista do mesmo nome, onde assina como Dra. Salud Alegre, abordando, com fina ironia, temas políticos, sociais e relativos à saúde feminina e infantil. Assim como suas companheiras, — e como a brasileira Maria Lacerda de Moura (1887-1945), que também publicava na imprensa anarquista espanhola —, Amparo criticava a moral burguesa, a virgindade e o casamento monogâmico indissolúvel; defendia a liberdade sexual para as mulheres, assim como a maternida-

* Professora do Depto. de História - IFCH/UNICAMP.

Elogio do amor livre

de consciente e voluntária. Dedica sua vida à luta revolucionária, mesmo durante o exílio forçado pela ascensão do regime franquista. Falece em Toulouse, em 1968.

Prece do Amor Livre

Diz assim:

I. Tome a pétala fresca e succulenta; tome a polpa doce da fruta madura; tome a senda esbranquiçada sob o sol do poente, a colina de ouro, o carvalho, e a fonte na sombra. Tome meus lábios e meus dentes onde brincam as risadas como fios de água, e os fios de água como risadas.

II. Eu não tenho Casa. Tenho, sim, um teto amável para resguardar você da chuva e um leito para que você descanse e me fale de amor. Mas não tenho Casa. Não quero! Não quero a insaciável ventosa que enfraquece o Pensamento, absorve a Vontade, mata o Sonho, quebra a doce linha da Paz e do Amor. Eu não tenho Casa. Quero amar no extenso “além” que não fecha nenhum muro nem limita nenhum egoísmo.

III. Meu coração é uma rosa de carne. Em cada folha tem uma ternura e uma ansiedade. Não o mutile!

Tenho asas para ascender pelas regiões da pesquisa e do trabalho. Não as corte!

Tenho as mãos como palmas abertas para recolher moedas incontáveis de carícias. Não as acorrente!

Convite ao Bom Amor

Mulher, ame sobre todas as coisas. Mas antes aprenda o Bom Amor. No Bom Amor pesa tanto o alto quanto

o baixo, o Pensamento quanto a Carne, a Doçura quanto o Desejo; e é incompleto se lhe falta qualquer uma destas coisas. Aprenda o Bom Amor.

Para ele é necessária plena liberdade, mas também capacidade plena, pois sem esta a primeira é uma ficção. Apenas se é livre quando se pode tomar uma decisão dentre todas as que a ocasião oferece, quando se pode escolher um caminho depois de ter reconhecido todos, aquilatando seus valores e aceitando suas conseqüências. Mas isto é obra da Inteligência, do Coração e da Vontade, e é necessário aperfeiçoar os três se queremos alcançar a categoria de seres livres. Se não é assim, continuaremos afogando a nossa inquietude entre simulacros amorosos.

Se você não se capacita, mulher, será um ser de instintos, será uma carne simples, monótona e limitada, fechada em você mesma e por você mesma abolida. Se você não se capacita poderá vibrar com o ritmo irregular das estações e dos céus nublados seguidos de sol forte; você terá a pulsação perene dos animais e das plantas; dará suas generosas florações de fêmea; mas não conseguirá o Bom Amor.

Cultive a Inteligência para enroscá-la como uma meiga roseira trepadeira no duro tronco dos imperativos do Instinto; cultive a Sensibilidade e a Delicadeza para correr como um calmo riacho, recolhendo todas as dores e todas as alegrias sem descanso, sem o menor abatimento de sua generosidade; cultive a Vontade para perfilar sua vida, para modelar sua canção, para esculpir suas obras por você mesma.

E depois desdobre o Sorriso como uma suave serpentina multicolorida; reparta o Abraço num denso racimo de frutas douradas; e solte o Beijo, como um caudal de música feliz.

Elogio do amor livre

Lembre que o delicado Eros, para chegar ao Bom Amor, teve de desatar suas vendagens.

Mulher, ame sobre todas as coisas.

Casamento e amor

Quando o homem perdeu a fresca graça de seus amores sem travas, ingênuos e primitivos; quando se consumiu a inocente naturalidade de suas paixões e se afogou em regras morais a sincera, a cordial simplicidade do desfrute em plena marcha sobre a Natureza; quando o hálito perfumado e voluptuoso das “Canções da Bília” foi totalmente esquecido... desceu o amor à categoria de pecado. Mas como a vida, sem ele, estancava-se com sua fadiga inexplicável, os homens, com um insano desejo de vingança, lutaram contra Eros e lhe cuspiram no rosto.

O condenaram ferozmente, sem pensar que se faziam desgraçados. Por uma paixão, toda uma vida de tortura. Pela atração de um dia, incontáveis anos de repugnância. Eros foi despojado de suas asas.

Por um doce olhar espontâneo é obrigado a estar olhando sempre o mesmo objeto; por um generoso e cândido abraço é forçado a abraçar sempre a mesma pessoa. A Alma humana, imóvel; e a Vontade, solidificada em gelo!

Do gesto amoroso se fez um minucioso código, morto e frio; do mais grato e ardente presente, uma compra-venda em parcelas, inclusive com sua regulamentação; ou à vista, com seu contrato em regra, e a um preço muito mais elevado, porque além do dinheiro, que conta para muito pouco, entram em compromisso o Coração e a Liberdade, que são tudo para o Amor.

Quando, roubada a nobreza de toda manifestação amorosa, já feita dever, os homens se envergonharam, tal-

vez, de tudo o que tinham manchado, tão só tentaram justificar sua profanação com outra maior, tomada como desculpa: o filho. E disto, tão claro e tão simples, tão divinamente brutal e tão profundamente humano, fizeram um novo elo e soldaram a corrente para sempre, entre os covardes. Fizeram tampo para sua hipócrita timidez, do filho, que é apenas um ponto no qual convergem dois cuidados e dois deveres, mas nunca uma justificativa *moral* do que tão só o Bom Amor, sobre nós, justifica.

E cegos os homens e as mulheres por si mesmos, continuam caindo na armadilha; e, quando lhes falta nobreza para encontrar saída, arrancam-se o Coração e o colocam como alicerce do Casamento.

Um fruto esplêndido: o adultério

Precisamente porque a Vida é Vida, não é quietude. Somos todos os seres de uma dupla corrente, que não cessa um momento, de entradas e saídas. Sob esta permanência aparente das formas, a matéria e a energia — duas modalidades da mesma coisa — estão em perpétuo fluir, em um ir e vir sem descanso. E assim a Alma. Por isso, ao se sentir ferida no mais profundo, ao sentir degradado o mais nobre de sua natureza, rangeu de dor e espanto. Ainda tentou conter-se na fria unidade de sua condena; mas a Vida, em seu fluir eterno, impôs-se com razão. Assim, da degradante aceitação do casamento — contrato e regulamentação do inalienável — surgiu esse fruto vermelho e redondo, farto e eloqüente, estupendo e prometedor: o adultério. É o protesto natural e humano contra a trava pesada ao alado e imponderável; e reivindica, como uma gargalhada fresca, entre zombeteira e honrada, o pleno direito à liberdade de amar, o transbordamento sobre as correntezas artificiais, da evolução da personalidade. Aqui está, como uma conseqüência do esquecimento do verdadeiro ser de Eros e do Homem, este duplo crime da mísera

Elogio do amor livre

vida diária: a convivência fria ou a carícia instintiva e isolada sobre a Carne muda; e o abandono culpado e temeroso do Sentimento, valor universal. Em suma, amor que não é Amor.

A mulher em defesa

Quando perdeu sua louçania graciosa de lírio ereto, a mulher, estritamente monogâmica por imposição, junto ao homem, essencialmente poligâmico por natureza, e sinceridade cuidadosamente mantidas, percebeu um fato: a Propriedade. A Casa se fechava como uma boca ansiosa e havia nela muito que fazer. A realidade econômica enterrou a mulher, completamente ignorante já do ingênuo prazer da vida primitiva, de que a Casa a excluía de todas as tarefas de produção, de todos os trabalhos públicos que dão direito à subsistência. Esta lhe vinha por meio do homem, a quem rendia seus serviços privados, inclusive os sexuais; e se defendeu em sua nova posição, preocupando-se por consolidar os laços que a uniam ao homem.

Este homem é *meu* e eu sou *sua*, disse. A Propriedade encolheu seu pontudo nariz de agiota, piscou seus repugnantes olhos e todos os regimes de opressão aumentaram as cifras de suas vítimas.

Foi a venda da Consciência, da Liberdade, da Espontaneidade, pela Irresponsabilidade e a negação a produzir.

Em direção ao Bom Amor

Mulher, se você quer recobrar a dignidade perdida; se quer encontrar um sol novo neste sol tão antigo; se quer sentir o renascimento de sua alma e a graça singular de se encontrar a si mesma, suba a escada amo-

rosa em benefício de sua superação. Multiplique sua capacidade de amor, mulher, mas...

Pense que o sentir nem lhe dá direito sobre ninguém nem a faz objeto de propriedade.

Pense que por muito grandes que sejam a paixão do prazer e o prazer da paixão, não devem arrastar você em sua torrente; e que se em uma hora gloriosa você pode extraviar seus sentidos, jamais deve perder sua vontade.

Pense que o homem amado tem sua alma, suas idéias, seus interesses, sua personalidade, enfim, que só em alguns pontos coincidirá com a sua; mas que a mais perfeita coincidência não supõe a absorção de um pelo outro.

Pense que é imoral permanecer em vida comum e íntima quando não existe uma florescente Ilusão, uma palpitante Ansiedade, um doce e sereno Bom Amor, ainda quando tenham sido feitas mil promessas e mil propósitos tenham criado mil ligações.

Pense que o filho também não é, nem deve ser, razão de comunidade amorosa quando já não há amor; que é possível amá-lo, cuidá-lo, instruí-lo, protegê-lo, educá-lo, sem se servir dele como pretexto para a mais repugnante das mentiras.

Pense que por ele não se deve mentir, que precisamente por ele se deve ser nobre, sincero, corajoso, com uma alma e uma ação paralelas, com uma fé e uma atitude acordes; que é necessário sentir e fazer a verdade para poder ensiná-la a ele.

Pense que para chegar ao Bom Amor é necessário aprender a trabalhar, a sentir docemente e com retidão, a ter aspirações, a movimentar a inteligência, profundamente inquieta, em direção ao Bem...

Amor livre!

E então, mulher, apaixonadamente apaixonada, não peça por seu amor. Grane-o, como a videira; floresça-o, como a roseira; levante-o, como o eucalipto; sem perguntar nada, sem pedir nada para o amanhã.

Nem a videira, nem a roseira, nem o eucalipto, antes de granar, antes de florescer, antes de se levantar, pedem um jardineiro que os atenda, nem exigem promessa de que o sol não haverá de secá-los, nem o vento haverá de quebrar seus talos, nem a água impetuosa haverá de afogar suas raízes. Eles são generosos, e quando um deles perece, muitos mais nascem para a vida. Ame, ame, mas que os braços não lhe sirvam como amarras, mas como coroa. Deixe que tudo vá e volte; e você, sorria sempre, tenaz procuradora de todas as alegrias terrenas. Sorria sempre, ágil e sentimental, doce e reflexiva, através do esquecimento, do desprezo, da crítica. Alente sua criação: lance à Vida uma nova medida para estimação de seu sexo. A Vida está cansada já da Mulher-esposa, pesada, demasiado eterna, que já perdeu as asas e o gosto pelo deliciosamente pequeno e pelo nobremente grande; está cansada da Mulher-prostituta, à que resta apenas a raiz sucintamente animal; está cansada da Mulher-virtude, séria, branca, insípida, muda...

Invente o novo tipo; ponha o sal na Vida; a cor e a chama nos beijos desiguais. Ame, fale, trabalhe. Compreenda, ajude, console.

Aprenda a desaparecer e a desobrigar de sua presença; e a conhecer o valor do “eu” livre. Sem nada; nem por dinheiro, nem por paz, nem por sossego... Amor Livre!

Remessa

Eu não tenho a Casa, que o arrasta como uma intransigente e implacável garra; nem o Direito, que o limita e o nega. Mas tenho, Amado, um carro de flores e horizonte, onde o sol se põe como roda quando você me olha.

Quando você me beija...

Mujeres Libres, número 5, julho 1936

Tradução do espanhol por Natália Montebello.

Notas

¹ Extraído de Antonina Rodrigo. *Amparo Poch y Gascón. Textos de una médica libertaria*. Zaragoza, Alcaraván, 2002, pp. 95-101.

RESUMO

Amparo Gascón fala do Bom amor. O amor livre de correntes, de amarras, de prisões. Critica a monogamia como relação anti-natural, como uma imposição institucionalizada que atinge com mais força a mulher que o homem e a torna a protetora da Casa, guardiã de sua prisão. E em contra-partida à regulamentação do corpo, dos sentimentos e das relações, aponta para o adultério como um protesto natural e humano.

Palavras-chave: adultério, amor-livre, mujeres libres.

ABSTRACT

Amparo Gascon talks about the Good love. The love that is free from chains, ties and prisons. She criticizes monogamy as an anti-natural relation, an institutionalized imposition that strikes harder woman than man and turns her into the protector of the House, guardian of her own prison in opposition to the regularization of the body, the feelings and relationships, pointing out adultery as a natural and human protest.

Keywords: adultery, free love, mujeres libres.

Indicado para publicação em 3 de março de 2006.